

MAIVOEL D'ALMEIDA FILHO

224
P 254

235
P 266

7c ~~101~~
105

~~229~~

224



NEQUINHO e JANDIRA

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

2197

2198



NEQUINHO E JANDIRA

224
219



O AMOR NAS SELVAS

225
219-A

© Copyright 1959 — Editora Prelúdio Limitada
São Paulo — Brasil

Reservados à Editora todos os direitos de propriedade
literária e artística

Registrado na Biblioteca Nacional sob o N.º 11.055



RUA IPANEMA, 772 - FONE: 9-1374
SÃO PAULO

NEQUINHO E JANDIRA



Oh! musa casta divina
Que ao poeta inspira
Dá-me força e pensamento
Fortifica a minha lira
Para contar o romance
De Nequinho com Jandira.

Nequinho era um rapaz
Filho de um agricultor
No Estado de S. Paulo
Onde era morador
Na alta sociedade
Gosava grande valor.

Seu pai Justino Pereira
Apesar de muito pobre
Botou-o pra estudar
Com as delicias de nobre
Aonde foi diplomado
A custo de muito cobre.

Quando Nequinho formou-se
Destinou-se a viajar
Deu um passeio no sitio
Para os pais visitar
E tambem certo dinheiro
Que precisava arranjar.

Destinou essa viagem
Para cumprir sua sorte
Despediu-se da familia
Tirou guia e passaporte
No outro dia embarcou
Foi para América do Norte.

Nequinho que tinha estudo
Falava bem português
Idiomas estrangeiros
Tambem conhecia três
Francês e Italiano
Falava bem o Inglês.

E' de forma que n'America
De quasi nada estranhou
Foi muito bem recebido
A todos cumprimentou
Que era bem procedido
Seu passaporte constou.

Hospedou-se num hotel
Da mais alta fidalguia
Onde pouco viajante
O seu preço resistia
Por ser o hotel mais rico
Que na cidade existia.

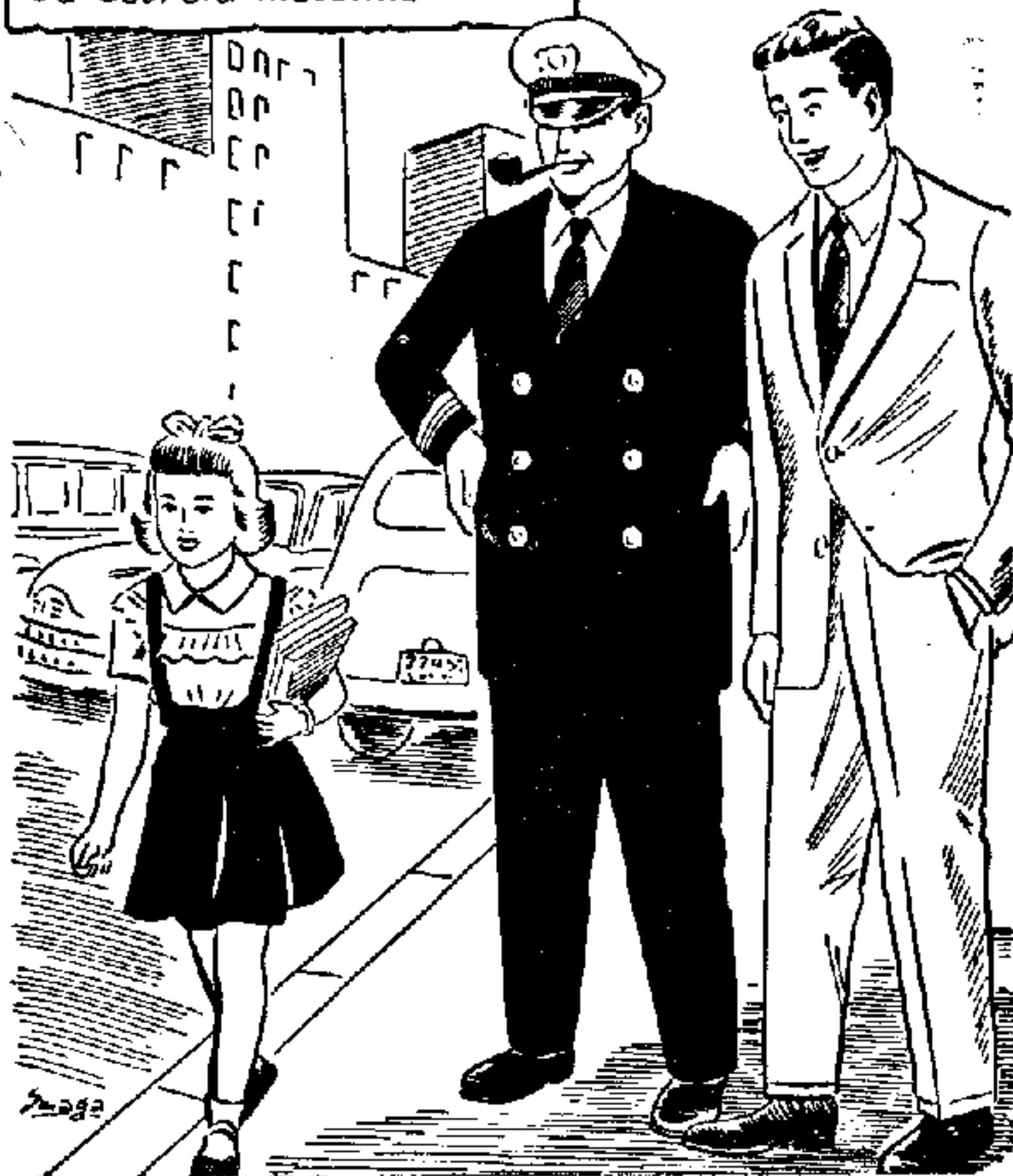
Aqui eu deixo Nequinho
No hotel de pérola fina
Para falar de Jandira
Com a sua negra sina
Como ela foi roubada
Do Brasil inda menina.

Jandira era uma criança
Filha de um brasileiro
Um barão muito valente
Morava em Rio de Janeiro
Vamos ver como Jandira
Foi parar no estrangeiro.

Vieram uns americanos
Examinarem u'a mina
Quando chegaram no Rio
Viram essa tal menina
Seus olhos tinham o brilho
Da estrela matutina.

Com seis anos de idade
Tinha um rosto tão lindo
Que só parecia um anjo
Nos pés da Virgem dormindo
Ao romper da aurora
Quando a lua vem surgindo.

Vieram uns americanos
Examinarem u'a mina
Quando chegaram no Rio
Viram essa tal menina
Seus olhos tinham o brilho
Da estrela matutina.



Disse um americano:
Oh! que menina galante
E' o retrato de Venus
Com seu olhar fascinante
Tem o gesto de Minerva
Oh! sorriso palpitante.

Eu que tenho vinte anos
Ela pode ter uns seis
Eu vou roubá-la e criá-la
Ensino a ela o Inglês
Para ser minha esposa
Quando chegar esta vez.

Assim o malvado fez
O seu plano traiçoeiro
Roubou a dita menina
Seguiu para o estrangeiro
Deixou os pais de Jandira
No mais cruel desespero.

Quando chegou na cidade
Temendo ser descoberto
Levou a pobre Jandira
Botou-a em um deserto
Presa em um palacete
Sem ter moradas por perto.

E lá botou uma velha
Para criar a menina
Aqui eu deixo Jandira
Cumprindo a dura sina
Para falar de Nequinho
Ver a sorte o que destina.

Nequinho que na cidade
Não arrumou um emprego
Foi expulso do hotel
Perdeu até o sossego
Vagava de dia a noite
Como coruja ou morengo.

Um dia viu-se apertado
Pois a fome o obrigou
Ele entrou em um hotel
Sem ter dinheiro almoçou
No terminar do almoço
A desgraça começou.

Nequinho disse: Garçon
A coisa está decidida
Pois eu não tenho dinheiro
Para pagar a comida
Do jeito que estou hoje
Só se pagar com a vida.

O garçon disse: Bandido
Tú arrancaste n'a mina
Pois ou pagas o almoço
Ou entras na disciplina
Ou amanhã muito cedo
Estás fazendo faxina.

Nesta voz disse Nequinho:
Oh! vagabundo atrevido
Como se maltrata outro
Antes de ser ofendido
Deu-lhe um murro na cabeça
Que destampou-lhe um ouvido.

Nisso o dono do hotel
E alguns policiais
Partiram para Nequinho
De pistolas e punhais
Nequinho enfrentou a luta
Igual a um leão voraz.

Pegou logo uma cadeira
Naquele grande alvoroço
Disse: Eu vou pagar agora
Toda conta do almoço
Deu uma pancada num
Chegou quebrar-lhe o pescoço.

Mas a cadeira quebrou-se
Não aguentou o rojão
E a tropa em cima dele
Sem ter dó nem compaixão
Nequinho na cabeçada
Enfrentou ao batalhão.

A tropa toda gritava:
Renda-se prisioneiro
Nequinho disse: eu vou preso
Matando um cento primeiro
Vocês hoje hão de ver
O peso de um brasileiro.

Nisso chegou um reforço
O comandante gritou:
Vamos pegar o bandido
A tropa toda avançou
Nequinho com a cabeça
De prontidão esperou.

Partiu para o comandante
Deu-lhe uma cabeçada
Que quando ele caiu
Estava feito fritada
E Nequinho tomou dele
O revolver e a espada.

Nequinho disse: eu agora
Brigo até com Satanaz
Só temo a Deus do céu
E na terra a ninguém mais
Chegou mais outro reforço
Com trinta policiais.

O estandarte era feio
Nessa luta encarniçada
Nequinho com o revolver
Dava tiro de rajada
E embolava no chão
Cortando com a espada.

Mas Nequinho que estava
Da luta muito cansado
Estava quase maluco
Quando chegou um soldado
Deu-lhe tão grande pancada
Que ele, caiu desmaiado.

Quando Nequinho tornou
Estava todo algemado
Disse-lhe um oficial:
Agora estás arrumado
Amanhã logo cedinho
Hás de morrer fuzilado.

Nequinho disse: está certo
P'ra mim não é embaraço
Querem ver prá quanto presto?
Basta afrouxar-me um braço
Prá eu mostrar a vocês
Que um homem não é bagaço.

Eu aqui neste país
Não tenho quem me socorra
Disse outro oficial:
Meu voto é que você morra
Levaram ele e trancaram
Numa imunda masmorra.

No outro dia as dez horas
Foi que pode ser julgado
Quando ouviu ler a sentença
Para ir ser fuzilado
Disse: só assim descanso
Deste mundo desgraçado.

Emigrei de meu país
Atraz da felicidade
E em vez de encontrá-la
Achei a barbaridade
Morro levando comigo
De meus pais uma saudade.

Aí levaram Nequinho
O colocaram na praça
Chegou um tenente e disse:
Vamos fazer a desgraça
Quero ver quando ele sóbe
Na cabeça da fumaça.

Estava ali um pelotão
Já muito bem prevenido
O tenente gritou: fogo!
Ouviu-se grande estampido
E Nequinho lá de pé
Porém não foi atingido.

O tenente de alegria
Disse para o companheiro:
Aquele safado agora
Deixa de ser brasileiro
Nequinho quebrou no beco
Na sombra do fumaceiro.

Quando passou a fumaça
O cadaver procuraram
Tão grande foi o espanto
Quando eles não acharam
E dois tenentes de raiva
Ali se suicidaram.

Vamos saber o motivo
 Que Nequinho foi feliz
 Deu-se um engano gosado
 Prá salvar o infeliz
 Com balas de pólvora seca
 Foi carregado os fuzis.

Esses soldados tiveram
 Uma sentença bem forte
 Foram todos fuzilados
 E Nequinho teve a sorte
 De correr e se livrar
 Do golpe frio da morte.

Tinha tirado trez leguas
 Nessa carreira que ia
 Avistou um palacête
 Já quasi ao morrer do dia
 Chegou à porta e balcu
 Pois era o jeito que havia.

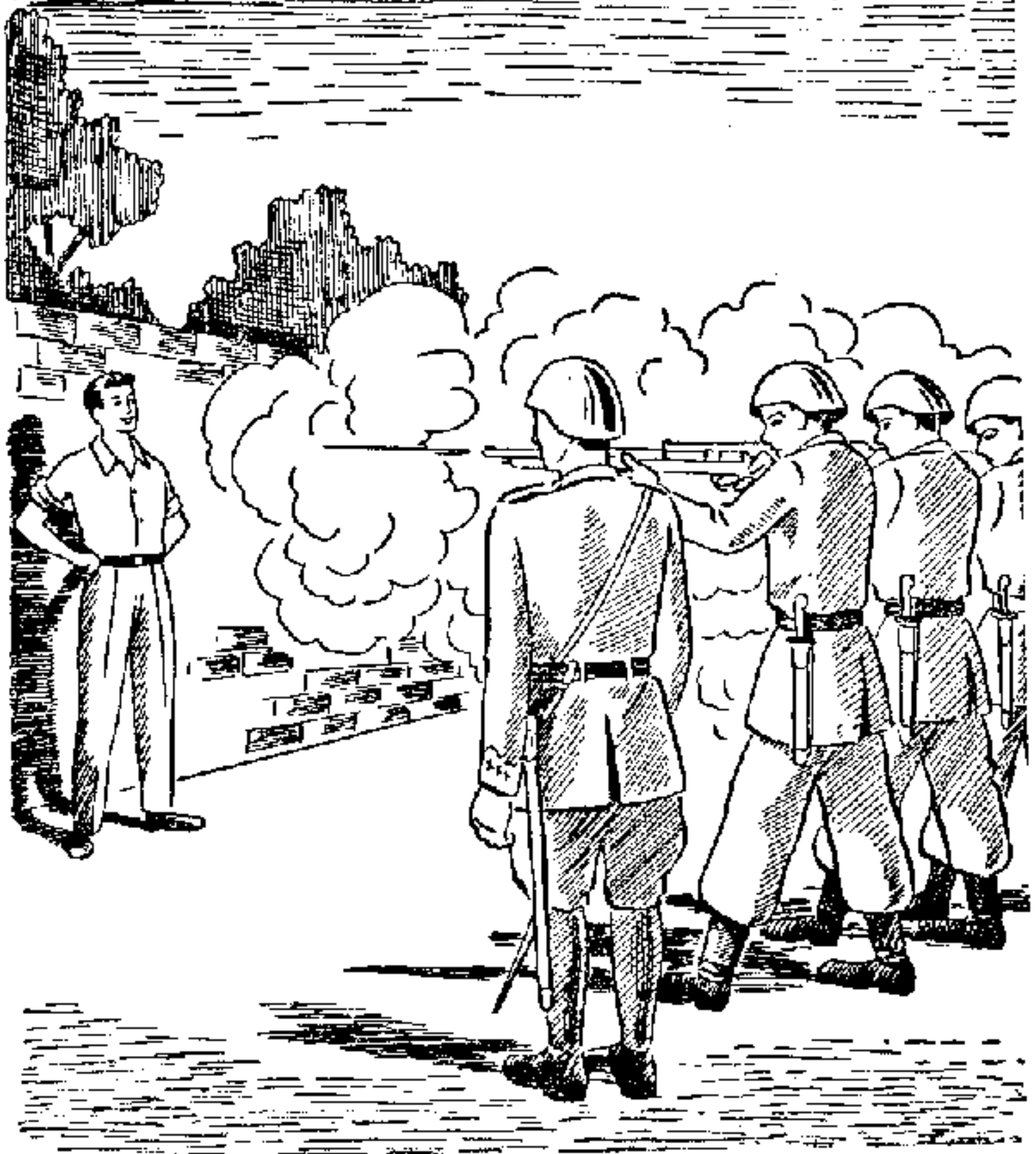
Saiu uma velha magra
 Perguntou de cara feia:
 — O que deseja o senhor?
 Batendo na casa alheia
 Nequinho lhe perguntou:
 — Pode fazer-me uma ceia?

Ela disse: não senhor
 Porque eu sou empregada
 Crio aqui u'a menina
 Que do Brasil foi roubada
 E o meu patrão é brabo
 Só cascavel assanhada.

Nequinho disse: velhinha
 Eu vou lhe falar de véra
 Pode fazer minha ceia
 Que a barriga não espera
 E se seu patrão chegar
 Eu resolvo com essa féra.

A velha disse: estou vendo
 Que dessa vez me acabo
 Nequinho disse: velhinha
 Não tenha medo do brabo
 Que enchendo a barriga
 Brigo até com o diabo.

*Estava ali um pelotão
Já muito bem prevenido
O tenente gritou: Fogo!
Ouviu-se grande estampido
E Nequinho lá de pé
Porém não foi atingido.*



A velha entrou ligeira
E foi cuidar na comida
Vamos saber de Jandira
Como estava perseguida
E como o americano
Queria tirar-lhe a vida.

Jandira com quinze anos
Era tão linda e formosa
Que parecia uma santa
Feita por mão milagrosa
Tinha gesto de um anjo
E o perfume da rosa.

Ela perguntou à velha
Que mocinho era aquele
Disse a velha: eu não sei
Diz ela: eu vou saber dele
Saiu e saudou Nequinho
Poz-se a conversar com ele.

Nequinho sem ter demora
Contou logo a sua vida
Jandira disse: eu também
Me considero perdida
Longe de minha família
Neste bosque desvalida.

E contando o seu passado
Começou dizendo assim
Pois o homem que roubou-me
Ontem a tarde disse a mim
Se eu não casasse com ele
Daqui me daria fim.

Já me deu muito dinheiro
Mas não estou satisfeita
Porque aquele infeliz
Meu coração não aceita
Ainda morta queimada
Minhalma ainda o regeita.

Ah! se eu tivesse a ventura
De minha mãe avistar
Nequinho disse: a senhora
Querendo eu posso a levar
A questão é ter dinheiro
Que dê pra nós embarcar.

Jandira então respondeu
Dessa forma assim eu vou
Nisso saiu a comida
Nequinho muito ceiou
Quando terminou a ceia
O americano chegou.

Bateu mão ao punhal
Deu na moça um ponta-pé
Disse a Nequinho, levante-se
E da vida perca a fé
Nequinho disse: encontrei
Fôrma que deu no meu pé.

Jandira nesse momento
Não faltou disposição
Deu um revolver a Nequinho
Com muita satisfação
Disse: mate este atrevido
Que eu te dou meu coração

Nequinho disse: bandido
Agora você me diz
Porque motivo roubou
Esta moça do meu país?
Respondeu o americano:
Eu roubei pra ser feliz.

Mas não é de sua conta
E que quer você com ela?
Enfrento toda desgraça
Por esta gentil donzela
Nequinho lhe disse: eu quebro
O testo da tua panela.

Disse-lhe o americano:
És um menino amarelo
Não dás nem pra meia missa
Na ponta do meu cutelo
Olhe pra mim que eu sou
A cobra que mordeu Belo.

Nequinho então respondeu:
És um pau que não dá obra
O teu cutelo pra mim
E' mole que chega dobra
Olhe pra mim que eu sou
Belo que matou a cobra.

Respondeu o americano:
A tua hora é chegada
Pelo amor de Jandira
Não temo nem a espada
Punhal e bala pra mim
E' mesmo que panelada.

Nequinho disse: eu vou ver
Se tua vida é segura
Quero ver essa materia
Que bala e punhal não fura
Deu-lhe a carga de revolver
Que a casa ficou escura.

Nequinho viu-se pegado
Pelo tal americano
Que tomou-lhe o revolver
Com um furor tão tirano
A força foi tão danada
Chegou arrancar o cano.

Ele abençoou Nequinho
Naquela hora fatal
Disse: chame por Jesus
E seu pai celestial
Eu quero ver quem o livra
Da ponta de meu punhal.

Nequinho disse: eu agora
Vou te mostrar quem eu sou
Mandou-lhe um sôco bem dado
O americano rodou
Antes de cair no chão
O punhal Nequinho tomou.

Nequinho disse: levanta-te
Não mato homem deitado
Ele ainda levantou-se
Mas Nequinho preparado
Meteu-lhe o punhal no peito
Que saiu do outro lado.

O americano morreu
Nessa mesma ocasião
Chegou Jandira e a velha
Com muita satisfação
Jandira disse: meu anjo
Ganhaste meu coração.

Disse Nequinho: Jandira
Vamos ver se tem dinheiro
Para sairmos daqui
Direto ao Rio de Janeiro
Para passarmos o natal
Já no país brasileiro.

Sómente de ouro e prata
Jandira tinha guardado
Cinquenta contos de réis
Que ela tinha arranjado
Mas nunca caiu no laço
Do infeliz desgraçado.

Nequinho mandou Jandira
Vá logo hoje à cidade
Compre lá uma batina
E volte com brevidade
Que eu só posso viajar
Se fôr em traje de frade.

Jandira foi à cidade
No mesmo dia voltou
Um chapéu e a batina
Muito decente comprou
Nequinho em traje de frade
Para o Brasil viajou.

Quando saltaram no Rio
Tomaram uma carruagem
A velha também com eles
Acompanhou na viagem
Saltaram na porta do
Barão José da Passagem.

O Barão que não pensava
Ser sua filha perdida
Pois não lembrava-se mais
Pra todos era esquecida
Nequinho disse: abençoê
Sua filhinha querida.

Nequinho então contou
A história verdadeira
Como encontrou Jandira
Triste e prisioneira
E nas garras de um monstro
Uma féra carniceira.

O Barão com a esposa
Cheios de contentamento
Abraçaram-se com ambos
E o barão no momento
Disse: em paga da bravura
Dou-lhe ela em casamento.

Nequinho com muito gosto
O casamento aceitou
Foi buscar sua família
Em pouco tempo chegou
Entre festejos e vivas
Com quinze dias casou.

E na hora em que o Padre
Celebrou o himineu
O barão disse: Nequinho
Quem dá-lhe o valor sou eu
Homem que morre de medo
Não sabe de que morreu.

Está completa a bravura
Dum patriota guerreiro
Que lutou com heroísmo
Em um país estrangeiro
Quem não comprar este livro
Não prova ser brasileiro.



- 99 -

219-A

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

O AMOR NAS SELVAS



225

7198
MANOEL D'ALMEIDA FILHO

O AMOR NAS SELVAS



Peço a força de Sansão
E a fé que teve Jonas
Ciência de Salomão
Para percorrer as zonas
Das matas misteriosas
Nas selvas do Amazonas.

Para descrever um drama
Cheio de mil amarguras
De amor e heroísmo
De lutas e desventuras
Onde vê-se o sacrifício
Circundado de aventuras.

Por dentro de matas virgens
De bosques e de montanhas
Aonde as feras bravias
Demonstram suas façanhas
Pelos bosques cavernosos
Daquelas terras estranhas.

Um bravo paraibano
Nascido em Guarabira
Em setecentos e quatro
Filho de Manoel Lira
Suas bravuras no mundo
Ainda hoje admira.

Tinha o nome de José
Esse brasileiro honrado
Por apelido Cazuza
De sua mãe estimado
Dona Amelia o chamava
O meu arcanjo adorado.

Contando dezoito anos
 Cazuza teve vontade
 De ir ao Amazonas
 Buscar a felicidade
 Ganhar dinheiro que desse
 Pra gozar a mocidade.

Sua mãe disse que não
 Seu pai ficou pensativo
 Cazuza disse: meu pai
 O mundo é do mais ativo
 Também quem morre de medo
 No tumulto se enterra vivo.

Galinha de grão em grão
 Termina enchendo o papo
 Eu de passada em passada
 Sei que de ser pobre escapo
 Mesmo cobra que não anda
 Nunca pode engulir sapo.

O velho disse: meu filho
 Cuidado num ruge-ruge
 Por dentro daquelas matas
 Cuidado! o mapa não suje
 "Cachorro que anda muito
 Apanha pau ou rabuje".

Cazuza lhe respondeu:
 -- De fato sou um menino
 Só vou para o Amazonas
 Cumprir a lei do destino
 De ser coberto de glórias
 Eu tenho fé no Divino.

O velho disse: Cazuza
 Não faço oposição
 Antes eu te recomendo
 À Virgem da Conceição
 Ali os velhos cobriram
 O seu filho de benção.

Cazuza seguiu viagem
 Chegando no Amazonas
 Marchou para os seringais
 Nas mais tenebrosas zonas
 No meio daquelas matas
 Aonde as feras são donas.

Cazuza no seu trabalho,
Por dentro daquelas grutas
Lutou com índios selvagens
E feras absolutas
Mas graças à Providência
Tinha vitória nas lutas.

Assim trabalhou três anos
Dentro de grandes perigos
Até que perdeu-se um dia
Na mata, de seus amigos
Ficou nos possantes braços
Dos ferozes inimigos.

Com tudo ficou armado
Com um rifle e munição
Um punhal forte de aço
Machado, foice e facão
Coragem, fé em Jesus
Força e disposição.

Cazuza dando dois tiros
Não sendo correspondido
Foi quando reconheceu
Que se achava perdido
Disse com fé: Estou pronto
Para o que Deus for servido.

Procurou logo uma árvore
Subiu-se para dormir
Já muito tarde da noite
Cazuza pode sentir
Que um tigre no pau
Já procurava subir.

O moço se preparou
Sentiu a fera subindo
E viu os olhos do tigre
Mostrando um reflexo lindo
Bem no meio dos dois olhos
Cazuza atirou sorrindo.

No tiro o tigre caiu
Dando um grande gemido
O tiro ecoou na mata
Cazuza ouviu o rugido
Da mata que acordou-se
No tremendo estampido.

Cazuza tambem ouviu
Um horroroso miado
E a zuada das feras
Correndo p'ra todo lado
De formas que ele estava
De inimigo rodado.

Quando foi no outro dia
Que Cazuza se desceu
No chão encontrou a féra
Que o tiro recebeu
Era um tigre perverso
Que por afoito morreu.

Cazuza sem ter destino
Dentro da mata seguia
Frutas bravas e raizes
Só era o que comia
Agua de ôcos de páus
Era a que ele bebia.

Faziam dezoito dias
Que ele estava perdido
Caiu no meio dos indios
Cada qual mais atrevido
Cazuza lutou com eles
Como um heroi destemido.

Cazuza avistando os indios
Foi por eles avistado
Quando procurou correr
Já se achava cercado
E partiram p'ra pegá-lo
Para comê-lo assado.

Cazuza entrincheirou-se
Na margem de um riacho
Os indios botavam flexas
Para virá-lo num facho
Quatro, cinco de um tiro
Cazuza botava abaixo.

Porém Cazuza sozinho
Os indios mais de duzentos
Avançavam para o moço
Ferozes sanguinolentos
O rapaz já se achava
Com diversos ferimentos.

O moço se preparou
Sentiu a fera subindo
E viu os olhos do tigre
Mostrando um reflexo lindo
Bem no meio dos dois olhos
Gazuza atirou sorrindo



Foi faltando a munição
O moço viu-se sem jeito
Bateu mão à sua foice
Saiu cortando de eito
Dava foçada em índio
Que abria até o peito.

Quando a foice descia
Não existia embaraço
De um tirava a cabeça
De outro arrancava um braço
De um cortava uma perna
D'outro quebrava o espinhaço.

Então o moço lutava
Como um ente endiabrado
O chão já estava cheio
De índio bem retalhado
Que se tivesse tempêro
Dava p'ra fazer guizado.

Porém no meio da luta
Cazuza deu uma foçada
Num índio, porém errou
Esse deu-lhe uma pancada
Que o rapaz deu um tombo
Caiu de frente gelada.

Os índios partiram em cima
Com mais de trinta cipós
Amarraram bem o moço
Com mais de duzentos nós
Deixaram um laço nas mãos
E outro nos mocolós.

Nos laços botaram um pau
Para levarem o rapaz
Um índio pegou na frente
E outro pegou atrás
Assim chegaram na tribo
Que era longe de mais.

Quando chegaram na tribo
Fizeram uma grande festa
O chefe disse contente:
Me digam que caça é esta
Amanhã vamos assá-la
Para ver se ela presta.

Chegou o pagé da tribu
Depois de examinar
Disse: este bicho é feroz
Nasceu p'ra nos devorar
E' "brabo" que só o diabo
E é difícil de matar.

Visto ele inda estar vivo
Vamos hoje enchiquerá-lo
Tratar as feridas dele
Dá comida e engordá-lo
Então depois dele gordo
Assim podemos matá-lo.

Porque devido às feridas
A carne está arruinada
Depois deste bicho gordo
Fica a carne apreciada
Vamos comê-lo no dia
Que Iraci for casada.

Iraci era uma india
Filha do chefe Iratam
Da tribu dos Irapunas
Era ela a mais louçã
Tinha os cabelos mais lindos
Que os raios da manhã.

Era a Deusa da tribu
De tudo compreendia
Era mais que o pagé
Em feitiço e bruxaria
Por conhecer os segredos
Que tem na feitiçaria.

Era noiva de um indio
Porém não tinha amizade
Ia se casar com ele
Fazer do pai a vontade
Porém chorava pensando
Na sua infelicidade.

Vamos falar de Cazuza
Que já sofria de mais
O botaram num chiqueiro
Onde criavam animais
Deixaram ele amarrado
De pés e mãos para traz.

Ali mesmo êle comia
O que vinha da caçada
Botavam na boca dele
Comia sem dizer nada
Mel de abelha e carne insôssa
Traziam até cobra assada.

Quando êle não queria
Comer aquela embrulhada
Tinha que comer à força
Debaixo de cacetada
Cada índio que chegava
Dava-lhe a sua pancada.

Então a india Iraci
Foi fazer-lhe o tratamento
Com muita delicadeza
Curou cada ferimento
Voltou impressionada
Desde daquele momento.

Pois o olhar de Cazuza
Dominou-lhe o coração
Cada dia que passava
Mais aumentava a paixão
Ela esqueceu logo o noivo
A quem prometeu a mão.

Ela não tinha certeza
Se aquele bicho falava
E quando ia tratá-lo
Sempre ela perguntava
Qual o lugar que doía
Ele calado ficava.

Cazuza compreendendo
Que ela já o amava
As vezes compreendia
O que ela perguntava
Respondia, porém ela
A resposta ignorava.

Assim aos poucos foram
Ambos se compreendendo
Ele já compreendia
O que ela ia dizendo
E o que ele falava
Ela já ia entendendo.

Cazuza amava a índia
Já de todo coração
Porque via que só ela
Teve dele compaixão
Mesmo só ela lhe dava
Um meio de salvação.

Assim viviam pensando
Como haviam de fugir
Porém o tempo passava
E sem poderem sair
Porque não havia meios
Da tribu não presentir.

Até que chegou o dia
De Irací se casar
Reuniu-se a tribu toda
Para a festa começar
No outro dia bem cedo
Todo mundo ia caçar.

Então só ficava a noiva
E porque fez muito rogo
Porém antes de saírem
Fizeram um grande fogo
Depois espalharam as brazas
Para começarem o jogo.

Fizeram um girau por cima
E foram nesse momento
Trouxeram o pobre Cazuza
Para o maior sofrimento
Botaram p'ra assar vivo
Prá festa do casamento.

Seguiram todos prá mata
Para fazerem a caçada
Irací correu depressa
Chorando e agoniada
Tirou Cazuza do fogo
Com uma banda tostada.

Desatou todos cipós
Ele pegou a tremer
Não podia nem andar
Quem precisava correr
Defender quem o salvou
E se livrar de morrer.

Iraci trouxe um remédio
Que já tinha preparado
Passando no corpo dele
Ele se viu melhorado
Assim deixaram a tribo
Correndo pra outro lado.

Iraci correndo viu
O rapaz esmorecer
Assim caiu nos pés dela
Não podia mais correr
Já estava tão cansado
Que só faltava morrer.

Vendo ele assim caído
Quasi morto sobre o chão
Ela botou-o no ombro
E ganhou a solidão
Corria dentro da mata
Igualmente um caminhão.

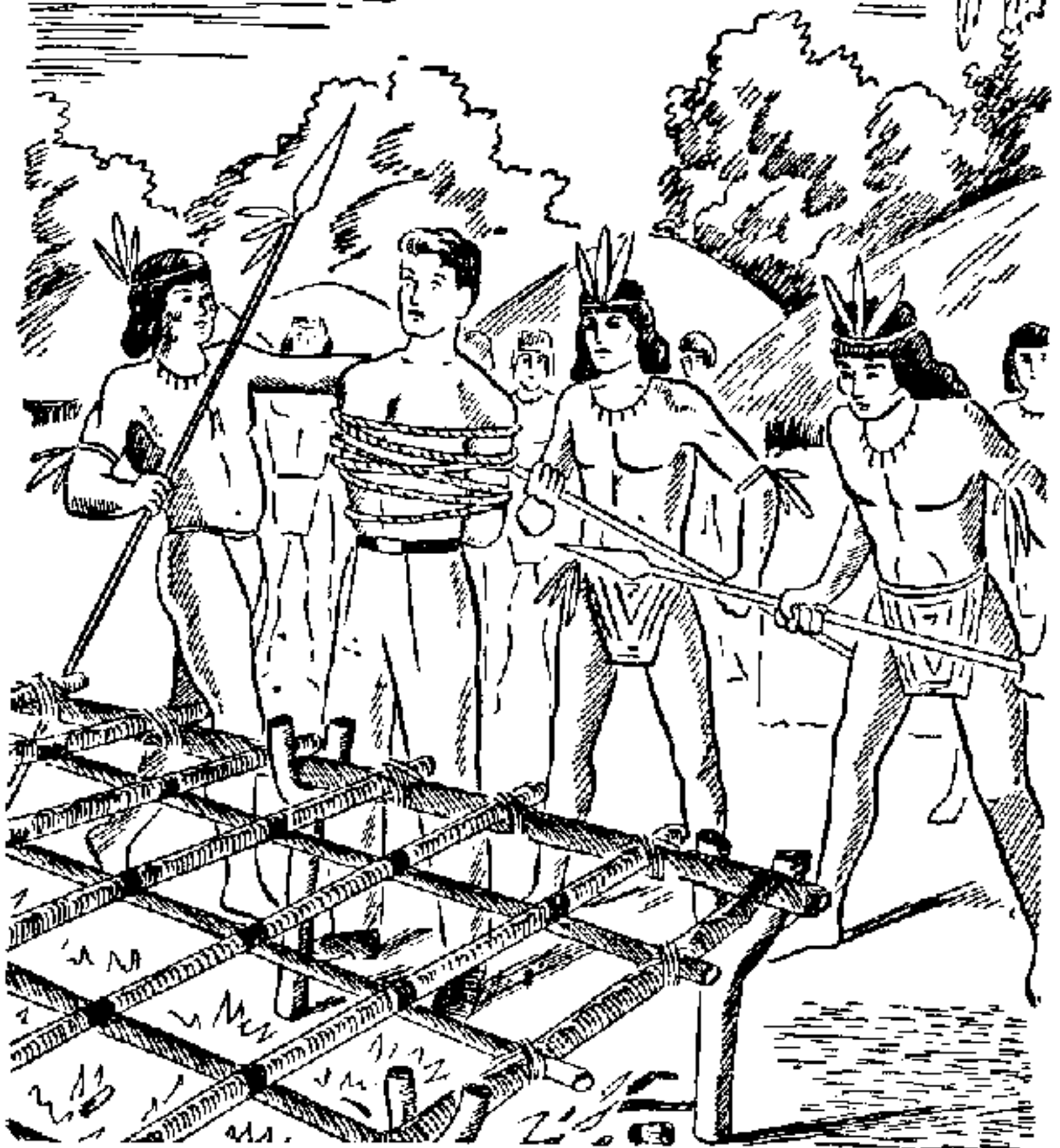
Com três horas de carreira
A índia muito sagaz
Poz o ouvido no chão
Depois disse ao rapaz:
Já souberam da fugida
E já partiram atrás.

Como também adiante
Vamos encontrar perigo
Porque temos que lutar
Com mais de um inimigo
Porém se chegar a hora
Morrerei junto contigo.

Se meus parentes pegar nos
Será feia a nossa morte
Porém Tupan nos defenda
De passar tão dura sorte
Que enquanto eu não morrer
Tenho coragem e sou forte.

Cazuza disse animado;
Será o que Deus quizer
Eu assim mesmo docente
Venha os índios que vier
Que eu por tua defeza
Brigo até com Lucifer.

Fizeram um girau por cima
E foram nesse momento
Trouxeram o pobre Gazuza
Para o maior sofrimento
Botaram prá' assar vivo
Prá festa do casamento.



Estavam nessa palestra
 Um tigre os avistou
 Subiu num pau cavaleiro
 Lá esperando ficou
 Quando eles foram passando
 O tigre em cima pulou.

Mas Cazuza viu a fera
 Nos ares mesmo pegou-a
 Embora com sacrifício
 Pelos braços sustentou-a
 Irací com uma flexa
 Mesmo no peito cravou-a.

O tigre perdeu as forças
 Eles ficaram animados
 Porém naquele momento
 Já se achavam cercados
 Por uma tribo inimiga
 E foram aprisionados.

Já iam ser amarrados
 Porém nessa mesma hora
 Os parentes de Irací
 Avançavam sem demora
 Todos de flexa na mão
 Foram chegando por fora.

Gritou o chefe da tropa
 Estes dois são fugitivos
 Da tribo dos Irapunas
 Não quero deixá-los vivos
 Respondeu o outro chefe:
 Eles vão ser meus cativos.

— Eu não quero ouvir razões
 Me entregue os prisioneiros
 Que para lutar consigo
 Trago duzentos guerreiros
 Que dentro destas florestas
 Na luta são os primeiros.

— Pode vim até seiscentos
 Que inda não dá trabalho
 Prepare lá seus guerreiros
 Quero ver o escangalho
 Comigo você encontra
 A tampa do seu chocalho.

— Me entregue os fugitivos
Antes qu'a tropa se zangue
Porque se não entregar
Caso de mim você mangue
Urubú vai comer carne
Cachorro vai beber sangue.

Ai as tribus partiram
Para uma luta de morte
Flexa vinha e flexa ia
Cada, que fosse mais forte
Os fugitivos fugiram
Por um acaso da sorte.

Quando viram aquela luta
Aproveitaram o ensejo
Cazuza disse: corremos!
Que a desgraça eu prevejo
Quem espera por tempo ruim
E não corre é caranguejo.

Assim saíram correndo
Dentro do mato vagando
Ao depois de cinco dias
Ouviram gente falando
Cazuza viu os amigos
Que estavam trabalhando.

Quando avistaram Cazuza
Com êle se abraçaram
Como foi que se perdeu
Todos ali perguntaram,
Mas quando viram a índia
De medo se arrepiaram.

Porém Cazuza explicou
Que ela não ofendia
Seguiram para a barraca
Todos com muita alegria
Foram contar ao patrão
Que Cazuza inda vivia.

Porém quando o homem soube
Pra não pagar o dinheiro
Que devia ao rapaz
Três anos de seringueiro
Mandou por quatro vigias
Buscá-lo prisioneiro.

Um amigo do Cazuza
Viu a trama do patrão
Correu avisou a ele
Que ficou de prontidão
Iraci com um revolver
Ele com um mosquetão.

Foram chegando os vigias
Na hora de reagir
Cazuza emparelhou três
Viu a poeira cobrir
Iraci queimou o outro
Porque queria fugir.

Cazuza deixou os mortos
Foi a casa do patrão
Lá recebeu o dinheiro
Na boca do mosquetão
E fugiu com Iraci
Prá se livrar de questão.

Quando chegaram em Manáos
No mesmo dia casaram
Iraci foi batizada
Muito felizes ficaram
A historia foi escrita
Do jeito que me contaram.

Assim Cazuza venceu
Lutando por sua imagem
Mostrou a sua bravura
Entre uma raça selvagem
Iraci lutou também
Deu a prova de quem tem
Amor com fé e coragem.



7350

ALGUMAS EDIÇÕES PRELÚDIO

AS PROFECIAS DO BOI MISTERIOSO — A história famosa de um boi que falava. E sua voz narrava os mais dramáticos episódios de nossa época. Ninguém consegue prendê-lo. Aparece e desaparece quando menos se espera. Em versos.

ENCONTRO DE CANÇÃO DE FOGO COM ZÉ DO TELHADO — O encontro dos dois fabulosos aventureiros, um mais astuto que outro. Um verdadeiro duelo de trapanças e episódios humorísticos. Em versos.

JOÃO SOLDADO. — O valente praça que meteu o diabo num saco. A história fabulosa de João Soldado, que após praticar a caridade, recebe de Deus e S. Pedro, um poder maravilhoso. Encontra o diabo, consegue vencê-lo e colocá-lo num saco. Em versos.

A SORTE DO AMOR — Empolgante narrativa, na qual uma jovem casa-se com um dos seus dois pretendentes, mas recebendo mais tarde, aquele que o destino reservava para companheiro de seus dias. Real, humano e comovente. Em versos.

QUENGO DE PEDRO MALAZARTE NO FAZENDEIRO — Novas engraçadíssimas proezas do fabuloso Pedro Malazarte, que consegue enganar a todos com seu espírito aguçado e brejeiro. Em versos.

ENCONTRO DE LAMPEÃO COM DIOGUINHO — Empolgante narrativa do encontro dos dois mais famosos bandoleiros que percorreram nossas terras. Um do sul e um do norte, vivendo lado a lado fabulosas aventuras. Em versos.

JOÃO GRILLO (Novas Astucias) — Trapaceiro e valente, João Grillo rivaliza-se com o fabuloso Malazarte em aventuras. Casou com dona Berta, viuva de Cancão de Fogo, vivendo ao lado dessa estranha mulher, mil e uma peripécias. Em versos.

JOSÉ DE SOUZA LEÃO (Neto) — Um herói, que cheio de amor desafia os mais perigosos cangaceiros do nordeste bravo. Valente e destemido, luta como um leão e ama como um apaixonado. Em versos.

Si não encontrar com seu vendedor alguma de nossas publicações,
dirija seu pedido para a **EDITORA PRELÚDIO LTDA.**
Rua Ipanema, 772 — Fone 9-1374 — São Paulo